



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V**  
**COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E SUAS LITERATURAS**

**MÁRCIA SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS COMO POLÍTICAS  
PÚBLICAS SOBRE O LETRAMENTO RACIAL EM ESPAÇO  
SOCIOEDUCACIONAL**

**MÁRCIA SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS COMO POLÍTICAS  
PÚBLICAS SOBRE O LETRAMENTO RACIAL EM ESPAÇO  
SOCIOEDUCACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado para  
obtenção do grau de graduanda em Letras, Língua Inglesa  
e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB/DCH/Campus V.

Orientador (a): Alyxandra Gomes Nunes

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas daUNEB

S237i

Santos, Márcia

A IMPORTÂNCIA DA IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS COMO POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE O LETRAMENTO RACIAL EM ESPAÇOSOCIOEDUCACIONAL / Márcia Santos. - Santo Antônio de Jesus, 2022.

40 fls.

Orientador(a): Alyxandra Gomes Nunes. Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Inglesa e Respectivas Literaturas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2022.


1. Afrocentred English Course - AFROEC. 2. Vertentes raciais . 3. Letramentoracial. 4. Educação antirracista na prática. 5. Ensino de Inglês Instrumental Afrocentrado.

CDD: 375

**MÁRCIA SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS COMO POLÍTICAS  
PÚBLICAS SOBRE O LETRAMENTO RACIAL EM ESPAÇO  
SOCIOEDUCACIONAL**

**BANCA DE APRESENTAÇÃO**


Documento assinado digitalmente  
 ALYXANDRA GOMES NUNES  
Data: 19/12/2022 11:06:48-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alyxandra Gomes Nunes

Universidade do Estado da Bahia

(Orientadora)

Documento assinado digitalmente  
 ANDREA SOARES BARBOZA  
Data: 19/12/2022 16:49:06-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Andrea Soares Barboza

Secretaria de Educação da Cidade do Rio de Janeiro

(Parecerista)

 LEDA REGINA DE JESUS COUTO  
Data: 19/12/2022 13:05:39-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Leda Regina Couto

Universidade do Estado da Bahia

(Parecerista)

Santo Antônio de Jesus, 09 de dezembro de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, o qual concedeu-me a vida, condição e permissão para chegar até aqui e prosseguir.


Agradeço a meus pais, Ionaldo Vitorino e Benedita Rosália, por batalharem incansavelmente pela minha educação e de meus irmãos, nos ensinando em jamais desacreditá-la, tendo como lema “conhecimento é poder e liberta”, e “educação muda pessoas e pessoas mudam o mundo”.

Agradeço a meus irmãos Júnior, Rosenilda, Maria, Hélio, Ivan, Hesline, Reinaldo, Renivan, Marcos, Mirian e Iran, aos quais ajudaram-me, usados por Deus, para quando estivesse abatida e desmotivada, estiveram presentes com uma palavra confortante, de motivação e/ou ações, dando-me forças para não desistir e por eles me mantive firme.

Agradeço a meus/minhas amigos/amigas Cleide, Mirele, Tainara, Werany, Adriana, Ládila, Amanda, Alan, Emilis e Jéssica aos quais estiveram comigo em vários estágios da minha trajetória, sendo cúmplices de momentos que guardarei eternamente na memória e no meu coração.

Meus mais sinceros agradecimentos a minha orientadora, Alyxandra Gomes, por cada momento, pela orientação, pelo carinho e por acreditar quando eu mesmo já não acreditava.

Agradeço também, ao meu querido amigo e namorado, Luciano Heleno, o qual sempre esteve ao meu lado, apoiando os meus sonhos, apostando nas minhas aventuras, e nos momentos mais difíceis me mostrava que havia uma solução e que no final tudo daria certo, com a permissão de Deus.

A todos/as vocês deixo a minha singela GRATIDÃO! 

“Ninguém nasce feito, é  
experimentando-nos no  
mundo que nós nos fazemos.”

(FREIRE, Paulo)

## **RESUMO**

A presente monografia analisou o projeto *Afrocentred English Course* (AFROEC), pensado e desenvolvido pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Alyxandra Gomes Nunes, cuja finalidade foi discutir e evidenciar as trajetórias e deslocamentos empreendidos por cada participante no curso de extensão, sendo eles os reais protagonistas, onde tiveram a confiança e coragem de compartilhar suas vivências, questões raciais e identitárias perpassadas por cada um deles. Tendo como objetivo levar um ensino de inglês gratuito, com diversas atividades e debates acerca das questões étnico-raciais e saber distinguir melhor as facetas das vertentes raciais de forma sensível e que trouxesse interação, foi-se pensado no projeto AFROEC. Adaptado para um curso de extensão almejando sondar e ao mesmo tempo levar uma consciência crítica embasada no letramento racial fazendo uso de materiais de autores negros(as) como Aparecida de Jesus com seu letramento racial, Djamila Ribeiro com o seu guia antirracista, Joelma Santos com seu trabalho por um currículo afrocentrado na prática, Frantz Fanon com a sua consciência racial e intelectualidade radical. Trata-se de uma pesquisa cuja análise é de natureza qualitativa acerca das táticas antirracistas na prática, cujos resultados encaminham para uma compreensão da necessidade de um ensino afrocentrado.

**Palavras chave:** Letramento racial. Vertentes raciais. Educação antirracista. AFROEC.

## **ABSTRACT**

This monograph analyzed the Afrocentred English Course (AFROEC) project, thought and developed by Prof. Dr. Alyxandra Gomes Nunes, whose purpose was to discuss and highlight the trajectories and displacements undertaken by each participant in the extension course, being them the real protagonists, where they had the confidence and courage to share their experiences, racial and identity issues that went through each of them. The AFROEC project was conceived with the objective of teaching free English, with several activities and debates about ethno-racial issues and to better distinguish the facets of the racial aspects in a sensitive way that would bring interaction. Adapted for an extension course aiming to probe and at the same time bring a critical consciousness based on racial literacy making use of materials from black authors such as Aparecida de Jesus with her racial literacy, Djamila Ribeiro with her antiracist guide, Joelma Santos with her work for an afrocentered curriculum in practice, Frantz Fanon with his racial consciousness and radical intellectuality. This is a research whose analysis is qualitative in nature about antiracist tactics in practice, whose results lead to an understanding of the need for an afrocentered education.

**Key Word:** Racial literacy. Racial strands. Anti-racist education. AFROEC.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1. ENSINO DE INGLÊS E LETRAMENTO RACIAL.....</b>	<b>11</b>
1.1 A experiência do Projeto <i>Afrocentred English Course</i> (AFROEC).....	12
1.2 Ensino de Inglês Afrocentrado; .....	13
1.3 Quais os meios para se chegar a uma Educação Antirracista? .....	15
<b>2. AFROCENTRED ENGLISH COURSE: NARRATIVAS, VIVÊNCIAS E REFLEXÕES.....</b>	<b>20</b>
2.1 RACISMO, uma luta de todos ( <i>RACISM, a fight for all</i> ): <i>Types of racism; Colorism</i> .....	20
2.2 O Eu que se anula ( <i>The self that cancels itself</i> ): <i>Interracial relationship; Interracial relationship in Brazil; Black Personality; Black people self-esteem and Skin Bleach</i> .....	24
2.3 O olhar deturpado sobre o Continente Africano ( <i>The distorted look about the African Continent</i> ): <i>Afro in Japan; Image of Africa in the media; Curiosities of the African continent; Afro Culture</i> .....	29
2.4 O complexo do Branco Salvador ( <i>White people savior complex</i> ): <i>Whiteness (white fragility and white privilege)</i> .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo evidenciar notas sobre o projeto *Afrocentred English Course* (AFROEC) sob uma perspectiva crítica construtiva sobre as reuniões, preparação para as apresentações e (re)leituras de textos de abordagens étnico-raciais, juntamente à um ensino de língua inglesa e, por último, a criação de três salas, onde foi ofertado um curso de gramática, conversação e inglês instrumental.

Com o intuito de levar um ensino do inglês gratuito, com diversas atividades e debates acerca das questões étnico-raciais, foi-se pensado no projeto AFROEC. Adaptado para um curso de extensão almejando sondar e ao mesmo tempo levar uma consciência crítica embasada no letramento racial.

Tendo em vista que o caminhar do projeto se principiou no dia 07 de abril do ano de 2021, com rodas de conversas entre participantes voluntários e a coordenadora do projeto (Alyxandra) baseada nas leituras de teóricos com abordagens diretamente ligadas a questões étnico-raciais com professores de língua inglesa na sala de aula. Posteriormente, empreenderíamos tais teorias através da prática em sala de aula, a partir de um curso de forma online ofertado dentro de três meses, abordando temáticas afrocentradas. Conjugando a aula de inglês em três modalidades e os temas de interesse do debate afro no Brasil, África e sua Diáspora as aulas do curso de extensão teve início no dia 30 de agosto de 2021 e finalizou sua primeira etapa no dia 29 de novembro de 2021.

A motivação para desenvolver o presente trabalho surgiu por meio de uma curiosidade e fascínio pelos acontecimentos marcantes ocorridos antes e durante a ministração do curso de extensão, principalmente pelo fato de que estaríamos compartilhando experiências e tocando em um assunto sensível, e para muitos um traumático marco na história do povo preto, sem contar no material lindo colhido nas discussões. Diante disto surgiu a pergunta basilar para a pesquisa: “Qual a história por trás da inibição dos pretos nas línguas e qual a importância do letramento racial em uma formação continuada para docentes? ”

Buscando evidenciar falhas no nosso currículo, este projeto vos convida a ter um olhar voltado para a suma importância de se trabalhar com responsabilidade, propriedade e empatia temas raciais, como também, serão levados a ter um letramento racial. Pois, por muitos anos o negro foi intitulado como serviçal, sem valor, beleza, caráter e o branco por sua vez era reverenciado como ideal de beleza, liderança, sinônimo de bondade ou

até mesmo o próprio salvador dos necessitados. É necessária a desmistificação dessa construção ideológica que infelizmente alimenta este falso ideal em muitas pessoas negras, sujeitando também os brancos a permanecerem em seus postos privilegiados sem ao menos se questionarem o porquê da ausência dos negros nos espaços não subalternizados, e por fim contribuir para que este mesmo sistema racista perpetue.

Após tantas lutas, torna-se até indescritível a satisfação em ver nos dias atuais pretos se amando, enxergando beleza em seus traços negroides, na sua cor, extraindo força, reconhecendo as suas raízes e ressignificando seu ser. É lindo poder chegar em determinado ambiente e ser respeitado (a), bem recebido (a), sem olhares tortos, sem ser taxado como suspeito, ou até mesmo não ser a única pessoa preta naquele local.

Assevero ter sido uma honra poder participar de um projeto como este, o qual permitiu a mim um conhecimento e aproximação mais profunda sobre as minhas origens, permitindo enxergar que nossos antepassados não tiveram como início suas histórias a escravidão. Diante disso, muitas vezes me peguei refletindo sobre o quão enraizada esta história esteve no processo de aprendizagem desses livros didáticos como apresenta os negros até nos dias atuais.

É válido salientar que o projeto foi uma aposta, estávamos em fase de testes e arrisco dizer que acontecimentos como a falta de comprometimentos tidos por alguns participantes trazendo uma consequente evasão foram pontuações importantes para a nossa preparação, uma vez que não nos permitia estar sob uma zona de conforto e entender o qual importante é estar munido de conhecimento, principalmente quando tratando-se de um assunto tão recorrente no mundo inteiro.

A metodologia visa o desenvolvimento de um projeto de pesquisa de cunho qualitativo, baseada por meio de levantamento teórico bibliográfico acerca da literatura contemporânea, da narrativa complexa formativa e informativa, da ausência de corpos negros em espaços denominado ser do europeu, de políticas públicas antirracistas e da leitura de obras que expandissem os horizontes de autores negros. A análise considerou a estrutura e estratégias narrativas a partir dos referenciais teóricos escolhido, a saber: “Letramento Racial crítico: através de narrativas autobiográficas” de Aparecida de Jesus Ferreira (2015) “Pequeno manual antirracista” de Djamila Ribeiro (2019), “Pele negra, mascaradas brancas” de Frantz Fanon (2018), “O lugar da raça na sala de aula de inglês”, de Glenda Cristina Melo (2015), e “Raça/etnia, cultura, identidade e o professor na aplicação da Lei nº10.639/03 em aulas de língua inglesa: como? ”, de Joelma Santos (2011), dentre outros. A organização dos dados levantados seguiu preceitos da análise de

conteúdo, de onde decorreu a discussão dos resultados encontrados no projeto e a escrita do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Na discussão dos resultados foram apresentadas algumas citações dos participantes do curso de extensão. Visando manter o sigilo e a privacidade dos alunos, os mesmos foram retratados na pesquisa como: Aluno 1, Aluna 2, Aluna 3, Aluna 4, Aluna 5, Aluna 6 e Aluno 7.

Considera-se aqui a relevância da temática, evidenciando-a com amplitude, sensibilidade, propriedade, empatia e dedicação, tendo em vista o que a sua representatividade exerce na construção e reconhecimento de pessoas pretas como um todo e a abrangência formativa no que se refere ao impacto desta representação em nossas vidas. Nessa perspectiva, fez-se relevante o diálogo com pesquisadores que possam contribuir com informações ainda não observadas no contexto atual, tendo como foco as decorrências de uma luta conjunta pela vida de um povo que vive como alvos dentro de uma sociedade racista, contribuindo para uma descaracterização de um sistema complexo e desigual.

Para tanto, o proposto trabalho foi redigido em 2 seções. Sendo que, a primeira seção é constituída por uma discussão teórica sobre o projeto AFROEC, desde a sua proposta até os materiais colhidos nos compartilhamentos e trocas de experiências. Na segunda seção deste trabalho, buscou-se relacionar a teoria com a prática, onde os relatos e as narrativas foram fundamentais para alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa.

## 1. ENSINO DE INGLÊS E LETRAMENTO RACIAL

O conteúdo proposto neste capítulo baseia-se na importância de um ensino principiado no letramento racial traçado na educação antirracista, promovendo a produção de conhecimento que problematize os instrumentos de letramentos tradicionais de uso da língua, enfatizando também, que mesmo com as dificuldades é possível trabalhar com um ensino afrocentrado, destacando os enunciados que comuniquem informações de cunho racial de forma sensível e respeitando culturas.

A princípio será discutido o tópico “A experiência do projeto *Afrocentred English Course* (AFROEC)”, onde busca de forma didática apresentar o que foi o projeto, como também, evidenciar as trocas de experiências entre ministrante e participantes perpassados antes, durante e após a conclusão dessa primeira etapa ministrando o curso.

Dando seguimento ao capítulo, será apresentado também o tópico “Ensino de Inglês Afrocentrado”, ilustrando as possibilidades de se ter um ensino baseado nas releituras afrocentradas. Para complementar, será pleiteado o tópico “Quais os meios para se chegar a uma Educação Antirracista”, fazendo todo um arcabouço e menção sobre a proposta do projeto.

### 1.1 A EXPERIÊNCIA DO PROJETO AFROCENTRED ENGLISH COURSE (AFROEC).

O projeto *Afrocentred English Course* (AFROEC) é um curso de extensão desenvolvido e coordenado pela Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Alyxandra Gomes, cujo intuito é levar o ensino do inglês gratuito com diversas atividades e debates acerca das questões étnico-raciais. A partir dessas atividades e discussões, o projeto almejava sondar e ao mesmo tempo apresentar uma consciência crítica e letramento racial.

Levando em consideração que o racismo é um fator estruturante da nossa sociedade, foi acreditado que após o curso a/o participante sairia munido/a de conhecimento, entendendo as facetas do complexo contexto racial na sociedade e sabendo lidar com qualquer situação onde o racismo perpetua, sendo este um dos principais objetivos do projeto.

Referindo-se aos objetivos do projeto, o mesmo foi iniciado com leituras aprofundadas de teóricos com abordagens ligadas diretamente a questões étnico-raciais com professores de língua inglesa na sala de aula. Posteriormente, empreenderíamos essas teorias através da prática em sala de aula, a partir de um curso ofertado dentro de

três meses, abordando temáticas afrocentrada. Conjugando a aula de inglês em três modalidades e os temas de interesse do debate afro no Brasil, África e sua Diáspora as aulas do curso de extensão teve início no dia 30 de agosto de 2021 e finalizada esta primeira etapa no dia 29 de novembro de 2021. Lembrando que os primórdios do projeto tiveram de fato o seu início no dia 07 de abril de 2021.

Após uma sondagem nos dias iniciais do curso, foi notável nas falas dos próprios alunos participantes que muito pouco sabia sobre a língua inglesa. É válido salientar que muitos deles manifestaram não compreender quase nada ou até mesmo nada na língua inglesa, que tinham vergonha e/ou medo de errar.

Entretanto, a todo momento mantive explícito para a turma que ali era um ambiente onde ninguém seria julgado por não saber, que havendo dificuldades a ministrante e os demais estariam ali para se ajudarem e que aprenderíamos juntos. Afinal, também estávamos ali para compartilhar experiências.

Houve um episódio que ocorreu durante a primeira aula ministrada o qual faço questão de compartilhar. Ao o final do compartilhamento do slide, fiz questão de apresentar a equipe AFROEC, que era composta pela coordenadora Alyxandra Gomes, e as professoras Jéssica Miranda (ministrante do Curso *Grammar*), Juliana Lima (ministrante do curso *Conversation*) e eu (Márcia Santos – ministrante do curso *Instrumental English*<sup>1</sup>). E, como a Prof.<sup>a</sup> Alyxandra já havia nos preparado para este possível momento, não fui tão pega de surpresa e sanei a dúvida com clareza.

O aluno fez o seguinte questionamento: “*Teacher, desculpe minha ignorância, mas o que faz uma professora branca em um projeto que aborda questões étnico-raciais?*”, referindo-se a professora Jéssica Miranda. Levando em consideração o questionamento do aluno expliquei para toda turma a importância de pessoas brancas irem em busca de letramento racial e usarem seus privilégios para levarem esse conhecimento para outros brancos para assim ampliar os debates e movimentos antirracistas tendo em vista que essa questão não é apenas da população negra.

Reitero que o questionamento daquele aluno é ainda um dilema na sociedade brasileira, fazendo com que muitas pessoas brancas se calem em algum episódio denominado racista por achar que não possui direito de fala, ou até mesmo acreditar e

---

<sup>1</sup> Inglês Instrumental – Técnica focada em atender demandas linguísticas de uma determinada área específica, conhecida também por *English for specific purposes* – Inglês para fins específicos, fazendo uso de técnicas e/ ou estratégias de leitura para um melhor e rápido entendimento.

propagar que no Brasil não existe racismo. É necessário que a branquitude seja discutida, que esse letramento racial seja uma discussão para todos e não apenas para quem sofre com este problema. É indiscutível a necessidade de se debater sobre a branquitude, pois ela foi parte constituinte das relações raciais no Brasil, nos países predominantemente branco e outros locais onde os brancos colonizaram e permaneceram.

Logo após relembrar a turma sobre a definição do termo *Instrumental English* (Inglês Instrumental), que conhecido por *English for a Specific Purposes* (ESP), tendo como objetivo principal capacitar o aluno a ler e compreender textos acadêmicos em inglês, fazendo uso de estratégias e técnicas de leitura específicas, como *cognates/false cognates, skimming, skanning, etc.*, dentro de um esquema de atividades de caráter autônomo, foi apresentado um slide<sup>2</sup> listando uma série de estratégias de leituras, definições e exemplos. A lista continha as seguintes estratégias: *COGNATES* (cognatos), *FALSE COGNATES* (falso cognatos), *SKIMMING*, *SCANNING*, *LAYOUT*, *CONTEXTUAL INFERENCE* (inferência contextual), *PREVIOUS KNOWLEDGE* (conhecimento prévio), *TYPOGRAPHICAL TIPS* (dicas tipográficas) e *GENERAL COMPREHENSION* (compreensão geral).

A medida que foi explicada cada definição e exemplos de cada estratégia, a turma foi fazendo questionamentos acerca de como se pronunciava tal palavra, tradução de outras palavras, sobre como fazer uso do dicionário, se era correto fazer tradução ao pé da letra, etc.

É válido destacar que após a discussão das estratégias de leitura, os participantes passaram a demonstrar mais confiança em si mesmos relatando também sobre estarem fazendo uso dessas estratégias dentro e fora do curso, mostrando que mesmo em pouquíssimo tempo a aposta do ensino de inglês com temas de cunho afrocentrado foi completamente assertivo.

## 1.2 ENSINO DE INGLÊS AFROCENTRADO<sup>3</sup>

O racismo estrutural está tão bem enraizado que normaliza suas variadas formas do preconceito, mascarando-a em piadas, frases, expressões e branqueando nossos protagonistas pretos.

---

<sup>2</sup> <file:///C:/Users/Luciano%20Helena/Downloads/Reading%20Strategies%20-%20%20Afroec%20-%20Instrumental%20English%20-%20Teacher%20M%C3%A1rcia.pdf>

<sup>3</sup> Aquilo que é centrado no negro, no afrodescendente; que tem a pessoa negra como sujeito principal.

Quando nos retratamos ao ensino de inglês, nos referimos ao ensino de línguas e falar sobre línguas é também falar sobre a base do racismo ou se questionar sobre a história por trás da inibição dos negros na língua. Conhecimento é poder, portanto, aprender línguas permite a expansão de acesso em lugares que por muito tempo foi majoritariamente ocupado por pessoas brancas.

Em um texto intitulado “Formação de professores de inglês para abordagem de questões étnico-raciais”, a Dr<sup>o</sup> Joelma Santos apresenta facetas sobre as dificuldades encontradas pelos professores para inserirem temas de cunho étnico-racial e culturais de matriz Africana no ensino de inglês, onde podemos evidenciar esse mesmo problema perpassado na grade curricular. Segundo Joelma Santos,

É importante registrar a urgência da revisão dos currículos quanto a oferta de disciplinas cuja temática sejam voltadas com total centralidade ao conteúdo raça/racismo, destoando da abordagem periférica ou em caráter optativo comuns nos currículos dos cursos de letras atuais. (JOELMA, 2021)

De acordo com Joelma, é urgente a implantação da adoção de procedimentos que além de promover o respeito e a convivência democrática entre culturas, haja também estabelecimento de reflexões acerca de identidades sociais. Para além disso, é preciso pensar na pedagogia crítica do professor de línguas, considerar a formação de profissionais capazes de questionar a hegemonia do inglês e a problematizar as relações de poder político e econômico enredados na configuração dessa língua no mundo. Dessa forma, o docente pode estar evitando a propagação de uma ideia de universalização de comportamentos, valores e atitudes tão recorrentes nas salas de aula de línguas, uma vez que a população negra é maioria nas redes de escolas públicas regulares apresentando um discurso recorrente nas salas, onde ao menos se veem presentes nas universidades.

Letramento é o uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais. Letrado é aquele que sabe fazer uso da leitura e da escrita de acordo com as demandas sociais. Uma vez que, o mesmo está envolto na interpretação e compreensão de textos. O letramento não se iguala termologicamente à alfabetização, porém ambas tem algo em comum que acaba sendo o ponto crucial para chegarmos ao letramento racial.

A alfabetização é o processo de aprendizado da leitura e da escrita, o que nos trazem para o termo comum do letramento racial, pois, no processo de aprendizagem e descoberta do mesmo da essa ideia de estarmos aprendendo em teoria e talvez de forma mais simplificada algo que já vivenciamos cotidianamente.

Além de nos permitir adquirir noções sobre o racismo, sobre o mito da democracia, a branquitude e temas afins correlacionados, o letramento racial é refletir sobre a raça e o racismo de forma simultânea, pois, nos possibilita observar e analisar nossos próprios entendimentos de como a raça e o racismo são tratados no nosso cotidiano, e o quanto a raça e o racismo tem impactado em nossas vidas e nas nossas identidades sociais.

Entender a importância de utilizar o letramento racial em nosso meio social e educacional, faz com que enxergamos a extrema relevância de se saber e também ensiná-la, tendo-a como aliada, no que diz respeito à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e baseada na equidade.

Portanto, quando nos sensibilizamos em saber mais sobre a história de um povo que teve seus antepassados massacrados pela escravidão e ainda nos dias atuais conseguimos evidenciar resquícios deixados por aquele processo colonial em nossa sociedade e estarmos munidos de conhecimento para impulsionar a luta e levar a causa, estaremos mostrando que entendemos sobre o letramento racial, e automaticamente somos levados a uma educação antirracista na prática.

### **1.3 QUAIS OS MEIOS PARA SE CHEGAR A UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA?**

Os negros, por mais de trezentos anos foram classificados como selvagens, sendo trazidos contra a sua própria vontade de seus respectivos países pelo Europeu (branco), sendo submetidos a um trabalho forçado e sob condições desumanas. Eles foram espalhados pelos continentes, torturados, escravizados por várias gerações. Atualmente não é difícil perceber o que este brutal acontecimento reservou para as demais gerações, naturalizando o negro sempre como o indesejável, o marginal, o bruto, sendo associado ao que geralmente não presta, enquanto o branco, totalmente contrário do negro, seguia sendo aclamado como o destemido, ético, cordial e ideal de beleza. Devido a este feito, hoje em dia é possível observar e até mesmo sentir na pele os resquícios deixados por este ato desumano contra este povo que ainda sofre e vive em uma constante luta pela liberdade de poder viver e o direito de desfrutar de tudo que um dia lhes foi tirado.

Ainda hoje, mesmo com a atualização de alguns discursos e a conscientização das marcas sofridas e deixadas por uma sociedade racista, muitos ainda fazem perguntas como: Por que falar sobre racismo? Onde o racismo está? Onde se encontra o racismo? Como é possível identifica-lo? Qual a importância de se posicionar contra o racismo? Por

que só se discute sobre o racismo quando uma pessoa branca é quem comete o crime e não quando um negro reproduz o racismo com seus semelhantes? Eu tenho amigos e familiares negros, logo, não sou racista, né?

O racismo pode acontecer de várias formas, principalmente de maneiras sutis como, por exemplo, através de um olhar, disfarçado de conselhos, palpites, em uma pergunta, em seguranças te seguindo em lojas de conveniências, em padrões de beleza preestabelecidos, em frases como: “eu me confundi”, “você não atende ao perfil desejado para a vaga de emprego”, “ele tinha cara de bandido”, “até que você é um(a) negro(a) bonito(a)” e dentre outras formas, expressões, frases e discursos.

No entanto, este problema implantado por uma sociedade racista e genocida que diariamente mata essas vítimas precisa acabar, essa luta é uma luta de todos e por todo um povo que nunca deixou de lutar. Antes de ressaltar quaisquer outras questões é muito importante frisar que racismo é crime, que devemos nos esforçar cada vez mais para que haja discussões sobre o tema, sobre suas vertentes e sua história, principalmente nas áreas onde este assunto costuma ser tido com tabu, simplesmente por um de seus pontos cruciais se referirem a cor da pele e nos policiar enquanto conhecedores desta pauta para que não sejamos convenientes na proliferação deste mal.

Mesmo que nos dias atuais seja possível identificar pessoas negras sendo protagonistas da sua própria história e sendo referências para outros negros, a educação antirracista ainda precisa ser discutida, debatida e implantada em todos os âmbitos educacionais. Dessa forma, é de suma importância que as escolas proporcionem uma reflexão acerca das influências e dos padrões impostos pela cultura branca para o povo negro, tendo em vista as consequências nas questões sociais, étnico-raciais, identitárias, políticas e os elevados índices de homicídios de pessoas negras, uma vez que, infelizmente, o preconceito ainda se faz predominante em nossas vidas.

A partir das questões supracitadas, pode-se perceber que o racismo é um sistema estrutural que se retroalimenta e se reinventa na sociedade por gerações. Essa prática é denominada atualmente de racismo estrutural, uma vez que o termo é comumente usado para referenciar o fato de que a nossa sociedade possui práticas institucionais, históricas, culturais e até mesmo interpessoais onde frequentemente colocam um grupo étnico, ou seja, os brancos, em uma posição de vantagem ou privilégio, ao mesmo tempo em que prejudica sem pudor outros grupos de modo cruel, consistente e constante. Dessa forma, o racismo estrutural está fortemente interligado com a educação antirracista, pois, de

acordo com Davis (2018), para que o racismo estrutural seja erradicado “numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.

Posto isto, o racismo estrutural está presente na ausência de homens e mulheres negros/as em cargos de liderança das maiores empresas do país, na baixa representatividade no meio midiático, na frequente associação de elementos da cultura e religião de matrizes africanas ao mal e ao negativo, mostrando como o racismo atua há séculos em diferentes dimensões e camadas, como ele estrutura a sociedade a partir da desvalorização e restrição de oportunidades de negros em ascensão social.

Contrário a este efeito sistemático e excludente, a educação antirracista chega para cessar esses males, reconhecendo primeiramente a existência do racismo em seu âmbito e melhor preparando os professores que certamente irão se deparar com situações que o levarão a discutir raça, racismo, identidade, etc. introduzindo também questões sobre a história e cultura de matriz africana, distanciando-se do contínuo apagamento de heróis e heroínas negros/as tão importantes na construção da história da humanidade, visando através de uma arma tão poderosa e atualmente acessível, a educação, mostrando que é possível mudar este cenário que há décadas fomos obrigados a vivenciar.

“*Ninguém nasce odiando. Então se aprendemos a odiar, podemos também aprender a amar*”, essa foi umas das falas mais discutidas durante o curso. A partir daí percebemos também a suma importância da escola na luta contra o racismo, uma vez que a mesma é referência e detentora da educação, estando presente durante um longo período na vida de muitas gerações. Segundo, Brito:

O racismo está ligado diretamente ao processo de ensino-aprendizagem. Não é à toa que que todos os projetos de turmas aceleradas, ou dificuldade de aprendizagem, ou turmas com um número mais atrasado, ou quando as pessoas colocam “Essa turma é mais desenvolvida e essa aqui é a pior”, as crianças negras estão em todas as turmas consideradas piores. [...] se todo modelo que a escola traz é negativo, como é que a gente vai ter rendimento escolar? [...] o *bullying* te descaracteriza, mas o racismo te desumaniza. (BRITO, 2019)

Sendo assim, com um grande poder de absorção e compreensão do mundo à sua volta, as crianças já assimilam desde cedo as mensagens passadas pelo racismo estrutural, o que pode levá-las a reproduzir comportamentos racistas, aprisionando a sociedade neste círculo vicioso por mais gerações.

Então, um dos principais pontos para se chegar a uma educação antirracista é desnaturalizar as práticas racistas, ou seja, o comentário/expressão racista de grande ou

pequena proporção, a partir daquele momento deve ser evidenciado e trabalhado de forma que àquela prática antes vista seja discutida como algo errôneo, incoerente, que não deve ser levado na “esportiva”.

O livro “Pequeno Manual Antirracista”, escrito por Djamila Ribeiro, é um excelente guia para que as pessoas comecem a pensar criticamente, pois é possível nos apoiar e tentar colocar em prática as pistas evidenciadas no pequeno manual, por exemplo, buscar reconhecer os privilégios da branquitude, ler autores negros, se informar sobre o racismo e pautas raciais, questionar-se da cultura que consumimos, pois, de acordo com Ribeiro:

Perceber-se criticamente implica uma série de desafios para quem passa a vida sem questionar o sistema de opressão racial. A capacidade desse sistema de passar despercebido, mesmo estando em todos os lugares, é intrínseca a ele. Acordar para os privilégios que certos grupos sociais têm e praticar pequenos exercícios de percepção pode transformar situações de violência que antes do processo de conscientização não seriam questionadas. (RIBEIRO, 2019, p. 51)

É válido salientar que a presença da educação antirracista nas escolas é amparada pela lei 10.639/2003 e prevista, inclusive, entre as metas do Plano Nacional de Educação, o qual visa garantir, nos currículos escolares, conteúdos sobre a história e as culturas afro-brasileira e indígenas e implementar ações educacionais, nos termos das Leis nos 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e 11.645, de 10 de março de 2008, assegurando-se a implementação das respectivas diretrizes curriculares nacionais, por meio de ações colaborativas com fóruns de educação para a diversidade étnico-racial, conselhos escolares, equipes pedagógicas e a sociedade civil. De acordo com o Plano Nacional de Educação,

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. [...] O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008, Art. 26-A)

Das leis citadas acima, uma se tornou historicamente famosa e também considerada como um marco, é a lei 10.639/2003, onde tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas. É importante ressaltar que seu marco também foi de tamanha influência que possibilitou a disseminação do pensamento sobre uma educação antirracista no Brasil.

O processo de ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi lembrado nas aulas de História como um tema particular sobre a escravidão negra africana. O termo escravo, por sua vez, além de naturalizar essa condição às pessoas, ou seja, trazer a ideia de que ser escravo é uma condição inerente aos seres humanos, possui um significado preconceituoso e pejorativo, sendo construído durante a história da humanidade. Além disso, nessa mesma visão, o negro mais uma vez aparece na condição de escravo submisso e passivo. Sob as novas diretrizes curriculares, a Lei 10.639/2003 propõe aos professores ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros, a cultura, culinária, música, dança e as religiões de matrizes africanas.

## **2. *AFROCENTRED ENGLISH COURSE: NARRATIVAS, VIVÊNCIAS E REFLEXÕES***

Este capítulo discutirá a respeito da experiência direta com um ensino afrocentrado, alcançando o real objetivo do projeto, apresentando discussões e reflexões que foram abordadas durante o curso.

A princípio será pleiteado o tópico *Racism, a fight for all* (Racismo, uma luta de todos), onde busca-se discutir as vertentes do racismo e como funciona a discussão do colorismo, em seguida será discutido *The self that cancels itself* (O eu que se anula), onde, além de retomar uma discussão sobre a identidade e autoreconhecimento sobre o ser negro, busca-se discutir sobre o relacionamento Interracial de forma geral, relacionamento Interracial no Brasil, personalidades negras e a autoestima do povo preto.

Será discutido também sobre *The distorted look about the African Continent* (o olhar deturpado sobre o Continente Africano), apresentando a forma como a mídia contribuiu e contribui negativamente no que diz respeito a imagem do continente Africano e para concluir será feita uma discussão mais aprofundada sobre o discurso do *White people savior complex* (O complexo do Branco Salvador).

## **2.1 RACISMO, UMA LUTA DE TODOS (RACISM, A FIGHT FOR ALL): TYPES OF RACISM; COLORISM.**

Entender apenas que o racismo existe, ainda não é suficiente. É preciso agir, contestar sobre o assunto e apostar em ações práticas que revertam a histórica desigualdade racial mundialmente falando, em justiça. Partindo desse pressuposto a luta contra o racismo não pode e nem deve ser uma pauta cuja responsabilidade de discutir seja apenas dos negros, é preciso entender de uma vez por todas que se trata de uma luta conjunta. Uma luta de todo cidadão e todas as instituições. A pauta requer que as ações afirmativas sejam mais do que apenas as cotas étnico-raciais nas áreas trabalhistas ou universidades públicas, uma vez que o racismo produz malefícios e danos para toda nação.

Segundo o doutor em Educação e reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente (2018):

[...] devemos ter disposição e determinação de passar o racismo a limpo. O assunto tem de ser conhecido, debatido e combatido. Apenas com o conhecimento das consequências do racismo poderemos construir uma sociedade livre. É assim que cumpriremos o objetivo constitucional de uma pátria livre, justa, plural e diversa, em que a dignidade da pessoa seja respeitada pelo Estado e por todos os brasileiros[...] sem isso, continuaremos na utopia de que é possível caminhar sozinho quando a vida exige que estejamos sempre juntos. Sem isso, continuaremos em uma sociedade imperfeita que não produzirá justiça, pacificidade e coesão social. (VICENTE, 2018)

De acordo com Vicente, os negros já passam por diversas situações relacionadas ao racismo, que antes mesmo dele se reconhecer como vítima, a sociedade lhe impõe uma responsabilidade que não sendo de um único grupo e sim de todos.

É importante destacar que antes mesmo de entender sobre o racismo, é preciso compreender a sua funcionalidade e como age as suas interfaces. Sendo um dos mais presentes em nosso cotidiano temos, *Structural Racism* (racismo estrutural), *Institutional Racism* (racismo institucional), *Economic Racism* (racismo econômico) e *Linguistic Racism* (racismo linguístico). Destaco aqui essas quatro vertentes, uma vez que as mesmas foram incontáveis vezes protagonistas nas aulas do curso AFROEC sendo referenciadas ou advinda de alguma experiência pessoal, como também serviu de tema para atividade e finalizada com debate.

A dinâmica seguiu da seguinte forma, a turma seria dividida em quatro grupos e cada grupo ficaria responsável por apresentar a vertente escolhida. Para a atividade, foi preparado quatro textos curtos:

**Texto 1<sup>4</sup>** “This type of racism refers to the discrimination based on economic factors. These factors can include job availability, salary, the prices and/or availability of goods and services, and the amount of capital investment funding available to minorities for business. ”

**Texto 2<sup>5</sup>** “This type of racism represents the absence of black men and women in leadership positions in the largest companies in the country, showing how racism has operated for centuries in different dimensions and layers. It structures society from the devaluation and restriction of opportunities for black people in social ascension. ”

**Texto 3<sup>6</sup>** “This type of racism basically refers to speeches, phrases, racist words, and that it has a slavery history. It’s all racialization that happens through language. ”

---

<sup>4</sup> Este tipo de racismo refere-se à discriminação baseada em fatores econômicos. Esses fatores podem incluir disponibilidade de emprego, salário, preços e/ou disponibilidade de bens e serviços e a quantidade de financiamento de investimento de capital disponível para negócios de minorias.

<sup>5</sup> Esse tipo de racismo representa a ausência de homens e mulheres negros em cargos de liderança nas maiores empresas do país, mostrando como o racismo atua há séculos em diferentes dimensões e camadas. Ela estrutura a sociedade a partir da desvalorização e restrição de oportunidades para os negros em ascensão social.

<sup>6</sup> Esse tipo de racismo se refere basicamente a discursos, frases, palavras racistas, e que tem um histórico de escravidão. É tudo racialização que acontece através da linguagem.

**Texto 4**<sup>7</sup> “This type of racism is a racial inequity within institutions and systems of power, such as places of employment, government agencies, and social services. It can take the form of unfair policies and practices, discriminatory treatment, and inequitable opportunities and outcomes. ”

Aos quais correspondiam a cada uma das vertentes que seriam trabalhadas (*Economic Racism*, *Structural Racism*, *Linguistic Racism* e *Institutional Racism*), porém, após a leitura o grupo teria que identificar a vertente constatada em cada texto. E para que fosse extraído mais detalhes acerca do texto e dos alunos, foi elaborado cinco questões (1. *What type of racism does the text refer to?*, 2. *How did you reach this conclusion?*, 3. *Apart from the text, what did you already know about this type of racism?*, 4. *Have you ever experienced or do you know anyone who has suffered from this racist practice?*, 5. *What is your opinion on this issue?*),<sup>8</sup> ficando abaixo de cada texto onde cada grupo discutiria entre si e depois apresentaria para a turma.

Sobre as apresentações, os participantes informaram que não tiveram dificuldades para identificar cada uma daquelas vertentes, pois os mesmos chegaram a tal conclusão através do reconhecimento das palavras cognatas (*cognates/false cognates*), da inferência contextual (*contextual inference*) e conhecimento prévio (*previous knowledge*) sobre determinada vertente, fazendo parâmetro às estratégias de leituras trabalhadas nas aulas iniciais. Ressaltaram também a correlação entre a vertente com episódios vivenciados pelos mesmos em um momento de suas vidas, sentindo-se aliviados em poder compartilhar suas experiências em um meio onde não seriam excluídos e sim ouvidos.

No cenário de colonização, teorias racistas, como a eugenia e o darwinismo social, foram incumbidas e despertaram o interesse da elite intelectual da época, com o intuito de explicar cientificamente a inferiorização das raças, remetendo-nos mais uma vez a um dilema intitularizado por “frutos da miscigenação”. O embranquecimento da população foi política de Estado, mas também foi aplicado por um viés psicológico, interferindo no inconsciente de negros e mestiços e dificultando a busca da identidade e valorização de

---

<sup>7</sup> Esse tipo de racismo é uma desigualdade racial dentro de instituições e sistemas de poder, como locais de trabalho, agências governamentais e serviços sociais. Pode assumir a forma de políticas e práticas injustas, tratamento discriminatório e oportunidades e resultados desiguais.

<sup>8</sup> (1. A que tipo de racismo o texto se refere? 2. Como você chegou a essa conclusão? 3. Além do texto, o que você já sabia sobre esse tipo de racismo? 4. Você já experimentou ou conhece alguém que tenha sofrido com esta prática racista? 5. Qual a sua opinião sobre esta questão?)

suas raízes. Resultando em milhares de homens e mulheres negros(as) de pele clara vivendo na encruzilhada do ser ou não, negro.

O termo Colorismo (*Colorism*), usado pela escritora Alice Walker em 1982, em uma de suas obras “*If the present looks like the past, what does the future look like?*”<sup>9</sup>, refere-se aos diferentes tons de pele negra, que vai dos tons mais claros, onde costumamos classificá-los por moreno(a) ou pardo(a), como também aos tons mais escuros, ao qual podemos usar o termo de pele retinta.

Ao tratar do Colorismo, é válido salientar que se torna mais difícil discuti-lo quando percebemos como se é classificada o tratamento desses indivíduos negros de pele clara e os de pele escura, que vai da inclusão ou total exclusão dentro da nossa sociedade.

A sua discussão tem relação direta com o racismo, pois sua fala vai além da dificuldade encontrada por essas pessoas negras de pele clara para encontrar apoio na comunidade negra ou branca, pois estaria sempre no dilema de que “é branca demais para ser preta” e “é preta demais para ser branca”, dilema este que faz com que não haja identificação de pertencimento e ainda enfraquece lutas, uma vez que mesmo essas pessoas tendo a tonalidade clara, apresenta de forma até gritante as características do Afro, do negroide, como nariz largos, lábios grossos, textura crespa do cabelo, etc.

“O racismo não é uma luta que só os negros devam combater, já basta ter que sofrê-la em seu cotidiano”, fala esta, de um dos participantes do curso que mais gerou indagações sobre as práticas antirracistas dentro de uma sociedade dita não racista. O conceito também é usado para chamar a atenção para os diferentes níveis de preconceito e marginalização sofrida pela população negra, dependendo de como muito mais de ascendência africana eles aparecem. Este inclui não apenas a tonalidade da cor, mas também outras características como a largura do nariz, a espessura dos lábios e a textura do cabelo.

## **2.2 O EU QUE SE ANULA (*THE SELF THAT CANCELS ITSELF*): *INTERRACIAL RELATIONSHIP; INTERRACIAL RELATIONSHIP IN BRAZIL; BLACK PERSONALITY; BLACK PEOPLE SELF-ESTEEM AND SKIN BLEACH.***

A identidade negra é concebida como construção múltipla, complexa, social e historicamente (re)construída baseando-se nos dispositivos de matrizes africanas. Dispositivos este que são processados nas relações sócio-culturais, políticas e históricas

---

<sup>9</sup> “Se o presente parece com o passado, como será o futuro?”

que se deram a partir do sequestro dos nossos ancestrais africanos para os arredores do mundo. Desta forma, as identidades são imbricadas na semelhança a si próprio, e na identificação e diferenciação com o outro constituindo-se em foco central nas relações sociais, sendo continuamente construídas a partir de repertórios culturais e históricos de matrizes africanas e das relações que se configuram na vivência em sociedade, sendo que sua existência tem as marcas das relações processadas ao longo dos séculos de exploração do escravismo.

Portanto, as identidades têm um caráter histórico e cultural, caráter este que demarca os conceitos de afrodescendência e etnia, sobreposto na trajetória histórica dessa população em relação com outros grupos.

Para a grande maioria da população negra não é nada fácil este processo de reconhecimento racial e sua aceitação. Era notório tal dificuldade devido algumas frases mencionadas no curso pelos alunos participantes, como, “*me olhava no espelho e não conseguia ver beleza em meus traços*”, “*evitava estar com pessoas parecidas comigo*”, “*desejei ter nascido branco*”, “*quem queria se parecer com quem a sociedade classificava como marginal?*”, etc.

Desde outrora crescemos visualizando o racismo, mesmo de forma errônea, mas, como algo normal, que preto é indiferente e o bonito é o ser branco com feições europeizadas. Devido a este e tantos outros motivos fez-se necessário a criação de políticas públicas que visava lutar contra esse sistema que desejava erradicar o povo preto, como houve necessidade de implantar uma lei onde obrigava constar nos livros didáticos o reconhecimento da nossa negritude, nossas ancestralidades, nossa beleza, nossas riquezas culturais, e a nossa história linda que não começou neste período, mas foi marcada pela escravidão.

Em meio a uma discussão no curso sobre o tema *Skin Bleach*<sup>10</sup>, foi exibida uma imagem (**Figura 1**) de antes e depois da cantora, modelo camaronês e criadora da marca *Whitenicious*, chamada Dencia.

---

<sup>10</sup> Clareamento/alvejante de pele.

**Figura 1: Cantora Dencia antes e depois do uso do *Skin Bleach***



Fonte: Fatos desconhecidos

Nos primeiros instantes indaguei os alunos sobre o que eles achavam daquela imagem, daquela mulher tornando possível sentir a perplexidade no olhar e na fala daqueles que entenderam a referência e se manifestaram. Foi explanado para a turma sobre a definição do termo *Skin Bleach*, ao qual refere-se ao uso de produtos para clarear áreas escuras da pele ou obter uma aparência geral mais clara. Esses produtos incluem cremes clareadores, sabonetes e pílulas, bem como tratamentos profissionais como *peelings* químicos<sup>11</sup> e terapia a laser, a problemática envolvida nas suas declarações para a Tv. Britânica (Channel 4 News), como, “*white means pure*”<sup>12</sup> e outra declaração deixada em seu *Twitter*, “*O creme é para manchas escuras, mas se você sentir que todo o seu corpo é uma mancha escura, use nele todo*”, falas que a mesma colocou como resposta às críticas destiladas a ela sobre o seu produto.

O participante (Aluno 1) questionou se o cantor Michael Jackson poderia ser incluído como usuário desses cosméticos e feitor dessa prática do embranquecimento? Em resposta, disse a ele que poderia talvez ter feito uso para acelerar uma condição pela qual o mesmo já passava, que era de uma doença denominada Vitiligo, no entanto, eu não poderia afirmar, nem havia provas a respeito que desde seus primórdios de carreira já

<sup>11</sup> Tratamento estético que é feito com a aplicação de ácidos sobre a pele para retirar as camadas danificadas e promover o crescimento de uma camada lisa.

<sup>12</sup> “Branco significa puro/pureza”

fazia uso desses produtos. Depois dessa discussão uma outra aluna me perguntou o porquê de ser uma problemática se alguém deseja modificar algo em seu corpo? Respondi prontamente que todos têm direito de fazer o que bem entendem no corpo, porém a prática do *Skin Bleach* vai muito além do que chamamos de uma simples mudança, trata-se do auto ódio por ser preto, trata-se de querer mudar o que se é inferiorizado, nos fazendo entrar em uma crise de identidade apenas para ser aceito em uma sociedade racista que a todo instante priva o povo preto de simplesmente poder ter o direito de viver.

Ainda sobre a discussão do *Skin Bleach*, uma participante (Aluna 3) pediu a palavra e compartilhou que havia se identificado com a imagem que havia sido exposta da cantora e modelo Dencia. A aluna relatou sobre a constante luta que travava com o espelho durante a infância, pois não enxergava beleza em seus traços, no seu tom de pele, ela almejava ter a pele branca, cabelos lisos e foi apenas quando começou a se relacionar com o atual parceiro que passou a entender o complexo em que viveu durante anos, sem ao menos perceber o quão bonita ela era, e acrescentou, “Hoje consigo olhar no espelho e ver beleza no meu cabelo crespo, na minha pele escura, na minha boca grande, no meu nariz largo, e digo mais EU SOU LINDA, estou aprendendo a me amar.”

De uma forma em geral estamos tão acostumados a ouvir como o período escravocrata, o colonialismo, o racismo, a discriminação marcou indivíduos negros, movimentos negros, que acabamos esquecendo de onde tudo foi partido, os brancos esquecem que a escravidão possibilitou e causou a sua forjada superioridade, que o racismo e práticas relacionadas a ele criaram a branquitude através de um longo e doloroso processo histórico.

É válido salientar a reverência feita pelo tópico *Skin Bleach* para a autoestima do povo preto, uma vez que quando assumida a negritude e suas raízes é fortalecido um processo de (re)descobrimto negro, principalmente quando contamos com personalidades negras, como, Machado de Assis, Frantz Fanon, Conceição Evaristo, Angela Davis, Carolina Maria de Jesus, Elza Soares, Djamila Ribeiro, Adilson Moreira, Martin Luther King, Nelson Mandela, Barack Obama, Malcolm X, Harriet Tubman, Jesse Owens, Sueli Carneiro, James Baldwin, Muhammad Ali, Abdias Nascimento, Luiz Gama, Toni Morrison, Alice Walker, etc, que influenciam diretamente na nossa construção emocional, fazendo-nos ressignificar o conceito de negro, poder, intelectualidade e beleza. Segundo a pesquisadora em gênero, raça, feminismos negros e decolonialidade, Jéssica Carneiro (2021)

[...] “a autoestima não é um produto que você tem ou você não tem”, mas uma construção que, embora tenha componentes psicológicos, é moldada dentro de determinadas condições. Ou seja: não é definido exclusivamente pelo próprio indivíduo, pois sofre influências da sociedade na qual a pessoa está inserida. [...] “A palavra autoestima é muito cara para a população negra visto que, dentro de um contexto de colonização e supremacia branca, no qual negros e negras são vistos como inferiores e distantes dos padrões de beleza, a humanidade e o direito dessas pessoas ao exercício cidadão foram histórica e sumariamente aviltados. Reconquistar ou reconstruir a autoestima para o povo preto é abrir uma fissura na estrutura cristalizada da desigualdade racial”[...] (CARNEIRO, 2021)

É lamentável que por uma errônea busca de uma aceitação, a população negra muitas vezes submete-se ou é submetida a uma lógica de apagamento das próprias características, muitas vezes por meio de mudanças estéticas. Tanto homens negros quanto mulheres negras passam a rejeitar traços negroides induzidos pela ideia de que, para serem aceitos, precisam ter uma estética parecida com a das pessoas brancas, ou até mesmo se relacionar com essas pessoas brancas para se sentirem menos excluídos pela sociedade. Durante uma aula, cuja temática, era o *Interracial Relationship*<sup>13</sup>, a participante (Aluna 3) disse:

[...]acredito que muitas pessoas inconscientemente veem problema nos relacionamentos inter-raciais, pois historicamente, esses relacionamentos surgiram como propostas e estratégias de embranquecer a população. Trata-se também de uma questão social. [...] tanto o homem negro quanto a mulher negra sofrem com tais apontamento. No entanto, a mulher negra sofre três vezes mais por, historicamente, ser estereotipada por uma hipersexualização, taxada como raivosa e que não era digna de ser amada. E podemos até obter mais conhecimento sobre esse preterimento, quando também nos referimos às discussões sobre a solidão da mulher preta. (ALUNA 3, 2021)

Outra participante (Aluna 4) complementou:

[...] adentrar determinados espaços pode nos afastar do nosso povo (ancestrais negros). ”[...] “E, se estamos em um espaço majoritariamente branco, a tendência é que nos relacionarmos com essas pessoas brancas. ” [...] "Existe uma pirâmide que dita um padrão, e a mulher negra está bem abaixo dessa pirâmide, sendo retratada apenas para satisfazer desejos, mas jamais para ser realmente amada. ” [...] (ALUNA 4, 2021)

É preciso entender que o passado prevalece de forma até assombrosa nos dias atuais, afetando e influenciando nas escolhas afetivas. E que durante muito tempo o branco foi unicamente sinônimo de ideal de beleza, força ou defendido como superior

---

<sup>13</sup> Relacionamento Interracial

padrão genético de raça humana. Então, podemos chegar à conclusão de que esse tipo de relacionamento foi pensado como mais uma forma de extinguir a população preta e no final alienar aquele povo de que tudo não passava de algo natural e de livre escolha.

Outra participante (Aluna 5) comentou que:

“[...] nós crescemos sem se ver, sem enxergar a beleza que existe em nós, simplesmente por estarmos inseridos em um país miscigenado que não reconhece o negro, nem a sua mestiçagem.” “[...] Já cheguei a ouvir ‘de negro já basta eu’, e é super doloroso ser negro em um país racista e que não se reconhece como tal.” “[...] A minha mãe foi vítima desse racismo sutil.” “[...] sinto-me privilegiada por ter passado pelo cursinho pré-vestibular (Steve Biko<sup>14</sup> – Salvador, Bahia). Sou extremamente grata por ter aprendido muito sobre minhas raízes antes mesmo de passar pela universidade. [...] devido a alguns traumas vivenciados por mim, não me se sentia capaz em outros locais sendo uma mulher negra, e isso acabou desencadeando outros traumas. Mas desde o início do curso (Instrumental English – Afroec), me senti acolhida e sem medo de expor as minhas colocações, e já afirmo que este curso é um movimento negro antirracista na prática.” (ALUNA 5, 2021)

Atualmente o processo de não aceitação é em sua maioria totalmente artificial, pois a sociedade acaba colocando o sujeito negro em uma situação de total desconforto, através do meio psicológico acaba sendo implantado em seu subconsciente que ali não é o seu lugar, e que quanto mais parecido for com o estereótipo do povo branco (europeu), melhor seria para todos. O que em sua maioria pode causar diversos efeitos colaterais, que vão de problemas simples, como dificuldade em sua aceitação, até um dos mais graves, como assassinatos, depressão, suicídios, entre outros trágicos e constantes acontecimentos. Sendo que, o mais assustador é que mesmo conscientes das possíveis consequências negativas, boa parte da população negra não desiste da busca deste tal branqueamento e isso provavelmente irá refletir o grau de poluição racial no indivíduo, e a extrema dificuldade de aceitação daquilo que ele realmente é de fato. Pois, foi criado e implantado em suas mentes a ideia de que o problema da sociedade é a cor negra. Portanto, o negro é associado a sujeira, ao negativo, aquilo que geralmente não presta, enquanto o branco totalmente ao contrário, sendo símbolo de pureza, coragem, ética e ideal de beleza.

### **2.3 O OLHAR DETURPADO SOBRE O CONTINENTE AFRICANO (*THE DISTORTED LOOK ABOUT THE AFRICAN CONTINENT*): *AFRO IN***

---

<sup>14</sup> Organização não governamental brasileira fundada em 1992 e localizada na cidade de Salvador, na Bahia.

***JAPAN; IMAGE OF AFRICA IN THE MEDIA; CURIOSITIES OF THE AFRICAN CONTINENT; AFRO CULTURE.***

Composto por 54 países, sem contar dos seus territórios independentes e mais 30 milhões de quilômetros quadrados, a África é o terceiro maior continente do mundo, além de ser o segundo mais populoso da Terra com cerca de 1 bilhão de habitantes. Isso ocorre porque a África é cortada pelo equador e pelo Meridiano de Greenwich ao mesmo tempo. A maior nação do continente, embora a África do Sul seja tão falada por sua importância econômica e social, é a Argélia, que está localizada ao norte do continente com uma parte costeira mediterrânea, no chamado norte da África.

Ao referir-se sobre curiosidades do continente africano, é válido salientar que a grande quantidade de países dentro do continente possibilitou um número grande de expressões socioculturais, que se manifestam nos dialetos, nas religiões e nas formações de etnias. A diversidade linguística africana é impressionante, uma vez que a mesma possui cerca de 2.092 línguas faladas, número que corresponde a nada menos que 30% dos idiomas em todo o mundo.

Por muitos anos o Continente Africano foi negligenciado pelo colonizador Europeu, que além de ter usurpado uma herança histórica e também cultural, contribuiu para que nos dias atuais a sociedade deixasse no imaginário de muitos uma África necessitada, medíocre, deixando-a completamente deturpada. E por esta razão faz-se necessária a proposta de uma outra visão, visão esta que apresenta não um país como muitos acreditam ser, mas um Continente recheado de influentes que ao analisar foi crucial para a história do mundo. É preciso pensá-la como uma África que possui diversidade de povos, línguas e culturas muitas vezes desconhecidos por grande parte da população mundial quando se diz respeito ao terceiro continente mais extenso do mundo.

“Uma criança negra, raquítica, pedindo esmolas ansiando por um prato de comida com um olhar perdido em uma paisagem árida e suja”, esse é o arquétipo<sup>15</sup> que a mídia por muitos anos vendeu sobre o “infeliz povo africano”. Portanto, embora a miséria seja uma realidade no continente, a narrativa de que tudo é fome, miséria e tragédia nunca estiveram perto da verdade. Atuar com uma pobreza explícita, também tem sido uma tática de comunicação usada por algumas ONGs que se apodera da miséria para conseguir fundos. Essa tática pode até ser eficaz no que diz respeito em aumentar as arrecadações e realmente ajudar quem se encontra em tais condições, por outro lado ela carimba a

---

<sup>15</sup> Modelo/Padrão.

imagem de todo um continente que definitivamente tem muito a mostrar para o mundo com sua linda cultura.

Em meio a uma discussão na aula sobre essa imagem deturpada da África um participante (Aluno 1) falou sobre como esse complexo contribui para reforçar estereótipos que a mídia adora expor em seus veículos de comunicação, referindo-se mais uma vez a África como um continente miserável e que sempre precisasse de ajuda externa. E, então fiz um questionamento para que eles refletissem sobre porque ninguém pensa ou até mesmo expõe a existência da pobreza em locais como EUA ou a Europa, uma vez que associam esses locais como predominantemente brancos?

Um dia antes de levar o tema (*Curiosities Of The African Continent*) para discussão, enquanto estava dando os últimos retoques para finalizar o plano de aula, uma amiga ligou precisando de um auxílio sobre como pronunciar algumas palavras de língua estrangeira que constava em seu trabalho acadêmico. Após ajuda-la, falei-lhe um pouco sobre o que estava a fazer e percebi em seus olhos uma certa ânsia em busca de mais. No entanto, estava mais curiosa para saber sobre os conhecimentos que ela possuía a respeito do continente africano. Ela iniciou falando que não sabia muito sobre o tema, mas a imagem que ela acreditava era por se tratar de um grande país, por extensão, com uma população majoritariamente negra, onde havia muita pobreza, fome e miséria e que necessitava de extrema ajuda.

Ao finalizar a fala, lhe disse que infelizmente é uma fala reproduzida por muitos, simplesmente por acompanhar e aceitar o que a mídia insiste em propagar. Aproveitei para lhe mostrar que não se tratava de um grande país, mas de um grande continente, e que da mesma forma que alguns países africanos apresentavam maiores dificuldades, países americanos, europeus, asiáticos também possuía. Após aquela miniaula, minha amiga pediu para assistir a aula juntamente com a turma do projeto.

Já durante a aula, fiz o mesmo questionamento para os participantes, e para a minha surpresa as respostas não foram muito diferentes da advinda da minha amiga. Ao final perguntei-lhes sobre suas dúvidas a respeito do continente e de todas uma me marcou, que foi “há pessoas brancas africanas e/ou orientais negros?”. Não dei a resposta de imediato, mas os instiguei até eles chegarem a resposta. E uma das foi quando exibi a imagem da tenista profissional Naomi Osaka, um dos grandes nomes japoneses passados pelas olimpíadas de Tokyo, fazendo menção a temática *Afro in Japan*. E questionei a turma sobre suas impressões a partir daquela imagem, retomando ao questionamento do oriental negro. Eles iniciaram destacando a sua escura tonalidade de pele e seu cabelo

cresto, sendo que, por se tratar de uma mulher japonesa, já vem trazendo aquele estereótipo da pele extremamente clara e cabelos lisos.

Outra coisa que chamou atenção foi que Naomi foi gerada através de um relacionamento inter-racial, de pai haitiano e mãe japonesa. Mais à frente a participante (Aluna 2) comentou que imaginava ser difícil para aquela atleta ser reconhecida em um país onde não tratavam pessoas negras como japoneses e também acrescentou sobre a nacionalidade do pai de Naomi, que por muito tempo acreditou que o Haiti fazia parte do continente africano e na verdade ele fazia parte do continente americano.

#### **2.4 O COMPLEXO DO BRANCO SALVADOR (*WHITE PEOPLE SAVIOR COMPLEX*): *WHITENESS (WHITE FRAGILITY AND WHITE PRIVILEGE)*.**

Defendendo uma ideia de que o homem branco europeu tinha o padrão da melhor saúde, da maior beleza e da maior competência civilizacional em comparação às demais "raças", como a "amarela" (asiáticos), povos indígenas e a negra (africana), entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, vigoraram por muitos anos e em várias partes do mundo as ditas teses eugenistas<sup>16</sup>, isto é, teses que defendiam um padrão genético superior para a "raça" humana.

Discutir sobre a branquitude<sup>17</sup> em determinados campus, faz com que seja entendido a tamanha necessidade que se tem de ser ensinada.

Não é de hoje que a branquitude tem sido classificada como uma identidade racial ditada em nossa sociedade, podemos observá-la nas muitas vezes em que se é escolhido uma imagem de característica europeia para representar até atrativos de cunho racial preto. Quando nos referimos a palavra branquitude, logo se é pensado a maneira sobre a necessidade de pessoas brancas serem ensinadas sobre questões raciais e seus privilégios dentro da sociedade, mesmo que essas mesmas pessoas brancas não tenham noção de tais

---

<sup>16</sup> **Eugenia:** deriva do grego e **significa** "bom em sua origem ou bem-nascido", ou seja, é a seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias com objetivo de melhorar as gerações futuras.

<sup>17</sup> **Branquitude:** É o privilégio dado as pessoas de pele branca desde o seu nascimento, onde a sociedade fixou como algo natural, permitindo também o a acessibilidade de adentrar em qualquer local sem se sentir desconfortável pela cor de sua pele.

**Negritude:** Corrente literária que agregou escritores negros de países que foram colonizados pela França. O objetivo da Negritude é a valorização da cultura negra em países africanos ou de população afro-descendentes expressivas que foram vítimas da opressão colonialista.

privilégios. No entanto, a verdade é que precisamos falar que de forma geral precisasse entender como ela funciona e sua relação com as questões étnico-raciais.

No momento em que falamos sobre um constituinte antirracista também passamos, mesmo de forma inconsciente, a estudar nossa identidade racial, olhando para os privilégios e pensando como a branquitude é constituída e como ela beneficia diariamente uma determinada classe padrão naturalizando tal exercício praticado na sociedade.

A estrutura da branquitude coloca pessoas brancas num lugar de poder, um lugar confortável, um lugar que não se quer ou pretende sair, por isso, a luta racial não avança.

A branquitude, que carrega consigo o "ser branco", é estrutural na sociedade e estruturante das ordens simbólicas sociais e concretas. Isto quer dizer que todas as ações simbólicas como, a cultura, a língua, os valores e afins são condicionados a partir do olhar deste grupo, além disso, veremos ações concretas como os poderes instaurados na sociedade como governos, instituições, empresas sendo construídas com esta perspectiva. O resultado são ações que dão neutralidade e padronizam a sociedade, criando assim mensagens equivocadas como o mito da democracia racial, a fingida meritocracia e a visão de que "somos todos iguais".

Sob as falas de uma participante (Aluna 6),

[...] uma sociedade que insiste em dizer que reparação é privilegiar pretos, precisamos sim de privilégios, pois o direito a nossas vidas nos foi tirado a muito tempo, onde dentro de uma ingênua infância o seu direito a vida foi ceifado, mais uma vez, pelo racismo implícito de cada dia[...] (ALUNA 6, 2021)

Estamos tão imersos e acostumados a ouvir como a escravidão e o racismo marcaram indivíduos pretos, movimentos negros, África e a negritude, que a classe branca esquecem que o racismo e práticas a mesma relacionada criou a branquitude através de um longo processo histórico. Para além disso, o processo de formação da branquitude passa pelos processos de escravidão, racismo, colonialismo e formação do capitalismo.

O complexo do branco salvador é uma vertente da branquitude, que acredita poder “resgatar” a pessoa negra (pretos e pardos) de situações de pobreza ou vulnerabilidade e ainda faz questão de tirar fotos, registrar, mesmo sem autorização, expondo as pessoas negras aos estereótipos de sempre dependentes, atrasadas, necessitando da ajuda do branco de alma bondosa para sair daquela situação. Dentre as comoções, choros e dramas

que são produzidos pela própria branquitude, o público, telespectador, segue o mesmo rumo, com os olhos em lágrimas e situação de dever cumprido.

Em meio a uma discussão onde tratávamos sobre como os veículos de comunicação apresentava o continente africano ou povos pretos para a sociedade, ao mesmo tempo em que muitas pessoas brancas sentiam a obrigação de salvar esse povo e registrar cada momento, aproveitei para apresentar um curto vídeo<sup>18</sup> onde vinha mostrando a questão do complexo do branco salvador e como tentativa social um guia sobre o que esses turistas não deveria praticar, uma vez que seus atos carimbava uma característica enraizada no subconsciente de todos.

Quando terminamos de assistir ao vídeo, um participante (Aluno 7), pediu a palavra e disse,

[...] o vídeo traz o estereótipo em acreditar que o preto é dependente do branco e o branco por sua vez se torna “aquele salvador que veio para aliviar a dor do povo preto e libertá-los das mazelas da miséria e incapacidade”. Mais uma vez, o vídeo referência a realidade dos dias atuais, onde muitas pessoas brancas se direcionam a um país africano passante da maior dificuldade, acreditando poder salvar pessoas negras de situações de extrema pobreza e vulnerabilidade, simplesmente por serem brancos ou possuírem posições econômicas privilegiadas [...] (ALUNO 7, 2021)

A narrativa do vídeo se constituía na imagem que a maioria da população tem a respeito do continente africano e sobre pessoas, em especial crianças pretas e pobres, como necessitadas por um milagre de um branco salvador vindo prontamente tirá-los de inferno constante em que viviam. Após tirar a foto e o vídeo da situação de pobreza ou miserabilidade de corpos negros sofridos, expor, presentear com um objeto ou alimento, simplesmente somem, achando que está tudo bem agora, no famoso: pelo menos fiz isso, ou cada um faz a sua parte para um mundo melhor.

Portanto, infelizmente, vivemos em um mundo onde filmar e registrar atos supérfluos, expondo pessoas subalternizadas ao ridículo para satisfação de egos, não é bondade, na verdade, não cabe nesse dualismo de mal ou bom, certo ou errado, mas sim, na categoria de desumanização para entretenimento. Caracterizaria mais como uma branquitude, que sem noção alguma que problemas sociais só se resolvem a nível estrutural, insiste em legitimar uma visão romantizada sobre o assunto.

---

<sup>18</sup> <https://mundonegro.inf.br/complexo-do-branco-salvador-guia-pede-para-turistas-pararem-de-pagar-mico-em-fotos-na-afrika/>

Sintomas coloniais produzidos pela colonialidade do ser, e que precisam ser combatidos para que possamos caminhar rumo a uma humanização consciente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o projeto *Afrocentred English Course* (AFROEC), não foi nada fácil. Desde as discussões nas reuniões iniciais, até a seleção dos materiais que foram usados durante o curso de extensão, pois, muitos daqueles materiais mantiveram-se no exercício de cuidado, um discurso emocional e desbloqueio de memórias dolorosas.

No entanto, trabalhar com temas como a raça, vertentes do racismo, branquitude, letramento racial, desmistificação do que os veículos de comunicação perduram sobre o continente africano, foi promissor no meu amadurecimento intelectual, minhas raízes africanas e étnico-raciais. Pois, mesmo tendo apresentado tamanho desafios conseguimos compartilhar momentos únicos, mostrando aos alunos participantes o quão importante é estarmos munidos com este letramento racial.

Entender como o exercício de cada relato, cada compartilhamento de experiência revelada naquele meio, mostrou também o quão necessário foi a construção deste projeto e que haja muito mais cursos de extensão de cunho afrocentrado pelo mundo afora, uma vez que é notório a urgência dessa consciência racial no currículo escolar e na sociedade.

Fazer parte deste projeto foi um enorme diferencial para a minha vida, bem como foi, sem sombra de dúvidas, contribuinte para o meu crescimento experimental curricular. Consecutivamente, me permitiu ter uma visão mais concisa, crítica e construtiva acerca das abordagens afrocentrada e de contexto étnico-racial. Aproveito para expor que o meu interesse de fazer parte desse projeto não se baseou apenas na oportunidade de aprender com um dos melhores projetos de extensão pelo campus, tendo em vista que não se havia passado algum projeto que trabalhasse diretamente com questões afrocentrada pelo campus, mas também pela troca de experiências e informações com a coordenadora, com as demais professoras voluntárias Jéssica Miranda (*Grammar*) e Juliana Lima (*Conversation*), alunos participantes e ministração do curso. Perduro positivamente uma enorme gratidão pela oportunidade de poder integrar-me a este projeto, curso este que me possibilitou reflexões e bons posicionamentos acerca do que pude contemplar durante todo o percurso.

Por fim, o conhecimento que temos sobre a nossa ancestralidade ainda é muito limitado. Sendo assim, a conquista e o entendimento da representatividade são de suma importância para o nosso embasamento no tocante às discussões raciais. O letramento racial é ter um olhar voltado a temas de discurso sensível e como é fundamental trabalhá-los com responsabilidade, propriedade e empatia, pois dessa forma conseguimos obter

com mais precisão um entendimento crítico construtivo sobre esse mau que é o racismo que se instaurou sobre a humanidade. Para tanto, vale salientar que é um assunto ainda não vencido e carece de mais estudos, aprofundamentos e até mesmo militância nesta causa, afim de buscar superar os traumas causados, o que para muitos apresenta-se como uma utopia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFROFUTURO, Autoestima. Por uma consciência negra. Disponível em:

<https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/sobre-redescobrir-a-beleza-negra-em-si/>

Acesso em: 24 de agosto de 2022

APARECIDA, Maria Silva Bento. **Branqueamento e branquitude no Brasil.**

Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Traduzido por Calos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40172331> Acesso em: 12 de julho de 2021

BATISTA, Michelangelo Henrique. **Negro, ser arquiteto: a construção identitária entre africanidade e negritudes.**- 1º ed.- Curitiba: Appris, 2016.

BOAVENTURA, Lêda Maria Vieira B636b **Branquitude à brasileira: a fragilidade branca e o discurso da democracia racial em conversas sobre racismo na escola /** Lêda Maria Vieira Boaventura. - Rio de Janeiro, 2020. 203 f. Disponível em:

<file:///C:/Users/Luciano%20Helena/Downloads/Escola%20Francisco/Tes-2020-Leda-Boaventura.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília, 2009. Disponível em: <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/plano.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2022.

BRITO, Benilda. **O racismo é perigoso na educação das crianças** – Canal Preto. YouTube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/KZGNu4NcWLS>. Acesso em: 21 de Junho de 2022.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor.** In: CAVALLEIRO, E. (org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001. p. 141-160

FANON, Frantz, **Pele negra, máscaras brancas;** tradução de Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2018.

FATOS DESCONHECIDOS. Disponível em:

<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/avancos-tecnologicos-cria-polemico-creme-que-tem-capacidade-de-tornar-pessoas-negras-em-brancas/> Acesso em: 16 de outubro de 2022

FERNANDES, Adriana. **PRETA** a cor da solidão.- 1ºed.- 2020

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2. Ed. revista. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Formação de professores de língua inglesa e o prepara para o exercício do letramento crítico em sala de aula em prol das práticas sociais: um olhar acerca de raça/etnia**. *Línguas & Letras*, v. 7, n. 12, p. 171-187. 2006.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contra narrativas de identidade racial de professores de línguas**. *Revista da ABPN*, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: MEC – Secad (Org.). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no.10639/2003*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, p. 39-62, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 9.ed.-Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOOKS, B. **Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens**. New York, Routledge, 1994. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/381/38114361007.pdf>

JORNAL USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/relatos-de-psicologos-mostram-casos-de-racismo-no-cotidiano/> Acesso em: 25 de julho de 2022.

NOGUEIRA, RENATO. **Afrocentricidade e Educação**. In: *Revista África e Africanidades*, ano 3, n. 11, 2010.

MELO, G. C. V. **O lugar da raça na sala de aula de inglês**. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 7, n. 17, p. 65-81, 2015

ORLANDO, Andréia Fernanda; FERREIRA, Aparecida de Jesus. **A sensibilização sobre a diversidade étnico-racial na formação inicial e/ou continuada de professores de línguas**. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 36, n. 2, p. 207-216, 2014.

OGLOBO Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/disque-direitos-humanos-registrou-mais-de-600-casos-de-racismo-em-2018-23735818>. Acesso em: 01 de junho de 2022.

PEREIRA, M. R. F. **A formação docente para o ensino de inglês no Brasil**.

Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/59428/1/A-FORMACAO-DOCENTE-PARAO-ENSINO-DE-INGLES-NOBRASIL/pagina1.html> Acesso em: 10 de dezembro de 2021

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. Editora: Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

SANTOS, J. S. **Raça/etnia, cultura, identidade e o professor na aplicação da Lei nº10.639/03 em aulas de língua inglesa: como?** Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2011. 182 f.

SANTOS, Joelma. **Aulas de inglês, tema do dia: conteúdos étnico-raciais**. In: SCHEYERL, Denise.

SIQUEIRA, Sávio(Org.). **Nas trilhas da interculturalidade: relatos de prática e pesquisa**. Salvador: UFBA, 2016

SENADONOTICIAS. CDH debaterá alto índice de assassinatos de jovens negros no Brasil

Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/11/21/cdh-debaterá-alto-índice-de-assassinatos-de-jovens-negros-no-brasil>. Acesso em: 23 de maio de 2022.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Democracia Racial**"; Brasil Escola.

Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historia/democracia-racial.htm> Acesso em: 23 de maio de 2022

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Disponível em:

<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/o-combate-ao-racismo-e-uma-luta-de-todos-entrevista-jose-vicente/> Acesso em: 15 de fevereiro de 2022